

COLETE ENCARNADO

VILA FRANCA DE XIRA



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



XXVI SEMANA DA CULTURA TAUROMÁQUICA

VILA FRANCA DE XIRA

sexta-feira, dia 26 de junho

21h00 > 7.º *Peddy Paper* Taurino

Iniciativa do Clube de Campismo "As Sentinelas".

Ruas da Cidade. Concentração: 20h30, Largo da Câmara Municipal

sábado, dia 27 de junho

10h30 > Treino de Forcados. Praça de Toiros Palha Blanco

18h30 > Inauguração da Exposição "Mário Coelho. Da Prata ao Ouro. A Vida de um Toureiro" Celeiro da Patriarcal

Inclui atuação do fadista António Pinto Basto (acompanhado à guitarra por Ricardo Rocha e à viola por Mário Estorninho) e do cantor de flamenco Joaquín Moreno (acompanhado à viola por Ramón e a bailarina Marta Chasqueira)

22h00 > Novilhada Popular com a Escola de Toureio José Falcão e a Escola de Toureio de Málaga. Praça de Toiros Palha Blanco

domingo, dia 28 de junho

09h00 | 18h00 > Tertúlias na Rua (animação durante o dia)
Jardim Municipal Constantino Palha

segunda-feira, dia 29 de junho

17h00 > Queres ser Forcado?

Iniciativa do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira para o público infantil Largo da Câmara Municipal

21h30 > Colóquio "Mário Coelho" Celeiro da Patriarcal
Oradores **Andrés Vásquez (matador)** > **Rui Bento Vasques (matador)** > **Paulo Caetano (cavaleiro)** Moderador **Andrade Guerra (crítico taurino)**

23h00 > Tertúlias Francas

Tertúlia "Os Foras e os Bravos" Abertura ao público.
R. Dr. Miguel Bombarda, n.º 272, Vila Franca de Xira

terça-feira, dia 30 de junho

17h00 > Visita aos toiros das Esperas

Concentração junto ao Tribunal*

21h30 > Colóquio "Bandarilhas" Celeiro da Patriarcal
Oradores **Andrés Vásquez (matador)** > **Mário Coelho (matador)** > **Maurício do Vale (crítico taurino)** > **Enrique Píriz (crítico taurino)** Moderador **Juan Miguel Nuñez (jornalista)**

23h00 > Tertúlias Francas

Tertúlia "O Aficionado" Abertura ao público.
Rua dos Varinos, n.º 12. Vila Franca de Xira

quarta-feira, dia 1 de julho

10h00 | 19h00 > Mostra de Artesanato

Largo da Câmara Municipal

18h30 > Atuação de Sevilhanas Largo da Câmara Municipal

21h30 > Colóquio "Ganadarias" Celeiro da Patriarcal

Oradores **Murteira Grave** > **Miura** > **Victorino** Moderador **Coronel José Henriques** > Convidados Especiais **Fernando Palha e Júlio Borba**

23h00 > Tertúlias Francas

Tertúlia "A Rambóia" Abertura ao público.
R. Dr. Reynaldo dos Santos, n.º 15. Vila Franca de Xira

quinta-feira, dia 2 de julho

20h00 > Jantar de Tertúlias com atuação do grupo "Fado Marialva". Praça de Toiros Palha Blanco

* Número de lugares limitados. Inscrições de 24 a 29 de junho para turismo@cm-vfxira.pt ou no Posto de Turismo Municipal.

Organização



Câmara Municipal
Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Parceiros



Apoio



COLETE ENCARNADO

DESTAQUES 2015

sexta - feira, 3 de julho

18h00 • **Espera de Toiros seguida de Largada**

19h45 • Desfile de Tertúlias e Coletividades até ao Largo Conde Ferreira para a Missa Rociera

20h30 • Missa Rociera com o Coro Rociero Aromas del Camino **Igreja Matriz de Vila Franca de Xira**

Palco Av. Pedro Victor

23h00 • **AMOR ELECTRO**

01h00 • **UXU KALHUS**

03h00 • **ROD THA FUNK**

sábado, 4 de julho

09h00 • Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano **Jardim Municipal Constantino Palha**

09h30 • Homenagem - Atribuição de topónimo Travessa José Canário **(antiga Travessa do Forno)**

10h00 • Concentração de Campinos e Deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino

Av. Pedro Victor

10h30 • Corridas de campinos **Largo 5 de Outubro**

16h00 • Homenagem ao Campino

Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

16h30 • Desfile de campinos, cavaleiros e amazonas pelas ruas da cidade

18h30 • **Espera de Toiros seguida de Largada**

22h30 • Noite da Sardinha Assada no posto público

Rua 1.º de Dezembro e nas tertúlias abertas ao público

Palco Av. Pedro Victor

22h30 • **DIABO NA CRUZ**

00h30 • **VOODOO MARMALADE**

02h30 • **SONIDO ANDALUZ**

02h00 • Garraiada da Sardinha Assada

Praça de Toiros Palha Blanco

03h30 • Distribuição de Caldo Verde **Rua 1.º Dezembro**

domingo, 5 de julho

10h30 • **Espera de Toiros seguida de Largada**

14h00 • Transmissão televisiva do programa **"Portugal em Festa"**, da SIC **Jardim Municipal Constantino Palha**

18h00 • **Corrida de Toiros Praça de Toiros Palha Blanco**

22h00 • **"ARDEA PURPURA"** e Fadistas de Vila Franca de Xira **Palco da Av. Pedro Victor**

24h00 • Fogo-de-artifício no Tejo | Encerramento



Encontramo-nos novamente para viver um dos momentos mais vibrantes do ano, traduzido no encontro com as nossas raízes identitárias ligadas à tauromaquia.

Ao todo, entre "Semana da Cultura Tauromáquica" e "Colete Encarnado", são perto de 10 dias em que exaltamos as nossas tradições, a cultura, a festa, a amizade e o convívio, como só as gentes de Vila Franca de Xira sabem fazer.

A "Semana da Cultura Tauromáquica", que terá lugar de 27 de junho a 2 de julho, é por excelência uma iniciativa que mantém, de ano para ano, o objetivo da defesa desta expressão cultural, marca inequívoca desta região. Nesta edição, um dos principais destaques é a exposição de homenagem ao matador de toiros vilafranquense de renome nacional e internacional, Mário Coelho, por ocasião dos 60 anos do início da sua carreira profissional.

O "Colete Encarnado", que decorrerá de 3 a 5 de julho, constitui-se como uma das maiores festas do Ribatejo e um dos cartões-de-visita de Portugal no Mundo, fazendo jus à afición popular e homenageando a figura ímpar do campino, tão característica da nossa Lezíria.

O Colete Encarnado é desde a sua criação, em 1932, a afirmação duma região através dos seus princípios e valores mais profundos. Muitos foram e são os que têm mantido até aos dias de hoje o espírito desta festa singular, cumprindo o legado do seu criador, José Van-Zeller Pereira Palha. Nesta breve nota, quero referir três nomes desaparecidos do nosso convívio que, cada um à sua maneira, sempre deram o seu melhor para a promoção desta nossa cultura. São eles a Duquesa de Palmela, Maria Teresa Palha; Sérgio Perilhão e João Mascarenhas. Bem hajam por tudo o que fizeram!

Nesta edição fazemos pequenos ajustes à programação, com o intuito de enaltecer a arte ancestral de campinar. Exemplo disso é a passagem da "Corrida de Campinos" para o Largo da Praça de Toiros (Largo 5 de Outubro), onde será possível a mais pessoas desfrutar do garbo de uma montada ribatejana.

Os motivos de interesse são muitos e bons. Bem-vindos a Vila Franca de Xira!

O Presidente da Câmara Municipal
Alberto Mesquita



Sérgio Perilhão

• *Pampilho de Honra 2015* •

O Aficionado, o Amigo dos Campinos

O Colete Encarnado, em Vila Franca de Xira, representa, desde 1932, uma força viva de homenagem ao Campino, de exaltação da Festa Brava, um guardião das tradições tauromáquicas ribatejanas.

Sérgio Perilhão, o Pampilho de Honra de 2015, era um entusiástico promotor da Festa Brava, um profuso conhecedor e defensor dos homens exclusivos das Lezírias, que do cimo da sua garupa dominam a arte de conduzir o gado: os campinos.

Filho de Casimiro Perilhão, um garboso e valente campino, o Pampilho de Honra do Colete Encarnado 2015, esteve, desde o berço, relacionado com as gentes e costumes da planície, cultura e festas tradicionais. Ao longo da sua vida fez questão de manter estes laços, aliás procurou aprimorar o seu conhecimento sobre aqueles que dominavam a arte de manear o gado, acabando por estreitar relações com o núcleo duro dos anciãos. Acompanhou também o percurso daqueles que davam os primeiros passos na profissão, dando continuidade aos saberes ancestrais de um ofício duro, difícil de dominar e apenas transmitido através de gerações: dos maiorais para os campinos e destes para os anojeiros. Conhecia várias gerações de campinos, lidava com eles amiúde, desenrolando-se as conversas como se de um par se tratasse, dominava os meandros do ofício, era um acérrimo defensor destes singulares trabalhadores ribatejanos.

Presença assídua nas festas tauromáquicas populares da Região fez uso da sua experiência em rádio, para proporcionar aos aficionados relatos bem documentados, intensos, contagiando o público com a sua paixão pela Festa Brava. Conhecedor absoluto de todos os que constituem o mundo da tauromaquia e dominando os meandros dos espetáculos taurinos, fossem eles amadores, populares ou profissionais, Sérgio Perilhão foi, ao longo da sua vida, constituindo-se como um respeitado e destacado aficionado, não só pelo gosto que nutria pela cultura tauromáquica, mas também por ter investigado e escrito sobre muitas das suas práticas e tradições.

Neste contexto esteve, na década de 80, na fundação da Rádio Iris, onde realizou um programa de grande audiência “Ribatejo”, dedicado à Festa Brava. Foi também, durante cerca de 25 anos, redator na revista especializada “Novo Burladero”. Era frequentador assíduo das Praças de Touros de Portugal e Espanha, onde vivia com intensidade a vida nos ruedos, tendo sido um reputado crítico taurino.

Natural de Samora Correia, Sérgio Perilhão foi dirigente associativo, em várias coletividades sediadas naquela cidade, mentor de vários projetos sociais, culturais e recreativos, tendo sido ainda um dos fundadores da Associação Recreativa e Cultural Amigos de Samora (ARCAS). Foi também vereador na Câmara Municipal



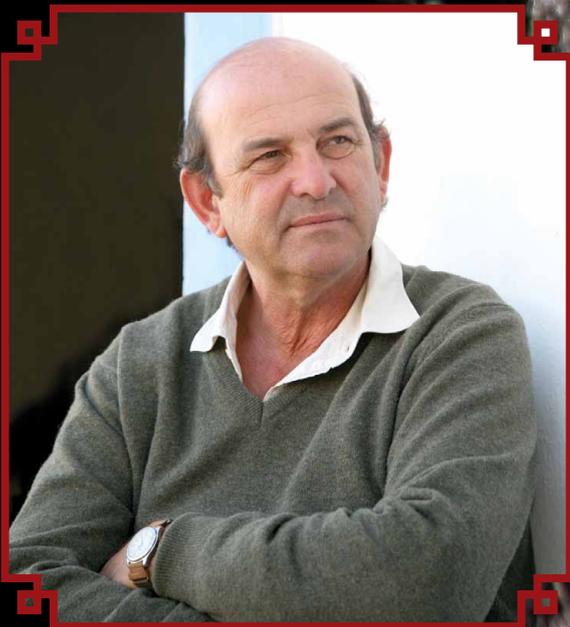


de Benavente e presidente da Assembleia de Freguesia de Samora Correia. Ao nível profissional era um gestor de carreira, sendo que os conhecimentos que obteve ao longo da sua vida culminaram com a respetiva licenciatura em Gestão, com cerca de 50 anos de idade. Mas, foi em Vila Franca de Xira, com uma bolsa atribuída pelo município que realizou todo o seu percurso escolar, no antigo Colégio Sousa Martins, período onde morou na casa dos seus tios.

No ano em que a vida se despediu prematuramente de Sérgio Perilhão, o Colete Encarnado presta-lhe o devido tributo. A sua partida provocou um grande abalo no seio da sua família e amigos, mas também nas outras vertentes da sua vida, a que dedicou muito fulgor. Abraçou muitos projetos associativos, tendo sido já devidamente distinguido por tal voluntarismo (Medalha de Mérito Municipal – Grau Prata, Câmara Municipal de Benavente|2011; Prémio Carlos Gaspar, Junta de Freguesia de Samora Correia|2014). A par esteve sempre arreigado a todas as tradições do

mundo tauromáquico. Acompanhou-o sempre de perto. Contribuiu para a sua boa promoção e reconhecimento de todos. Fê-lo sempre com uma arreigada alma Ribatejana. Teve sempre um especial apreço e reconhecimento pela perícia e sacrifício a que os campinos são sujeitos para vencer a sua arte. Sérgio Perilhão defendia vigorosamente que o seu trabalho era uma arte, mais uma que contribuía para que o mundo tauromáquico português fosse genuíno.

O Campino Homenageado desta edição vai empunhar, no sábado, 4 de julho, um Pampilho, que terá gravado o nome de Sérgio Perilhão. Um tributo em Honra de um grande aficionado, mas também um voto de pesar a um homem que não envergando um colete encarnado no exercício da sua profissão, não impediu, àqueles que o usam diariamente, de o eleger, unanimemente, como um genuíno e inesquecível amigo, companheiro de vida.



João Ribeiro Telles

No passado dia 28 de março realizou-se, em Vila Franca de Xira, a entrega de prémios aos triunfadores da temporada tauromáquica 2014, pela sua prestação na Palha Blanco. O troféu “Melhor Ganadaria” tinha nele inscrito “David Ribeiro Telles”.

João Ribeiro Telles recordou-nos a génese dos soberbos e imponentes toiros que a ganadaria da família nos apresenta.

Ao Serviço da Festa Brava **David Ribeiro Telles,** *a Ganadaria*

Conta-se nas histórias da criação de gado bravo que esta ganadaria tem registos datados do final do século XIX. Reses marcadas com ferro JR, Joaquim Ribeiro Telles, avô paterno de Mestre David, já davam espetáculo, com casta portuguesa e, dessa forma, continuaram pela mão de Manoel Ribeiro Telles (pai do Mestre). Saíram à praça na Chamusca (Distrito de Santarém), a 9 de maio de 1929, data de registo da sua antiguidade.



A seleção e o apuramento do encaste foram encetados por Mestre David que, nos finais da década de 40, também nesta arte se aplicou. Além da sua marca na história do toureio a cavalo português, quer pela sua forma clássica de interpretar o toureio quer pela conceituada escola que criou para ensino daquele género, Mestre David tornou-se num renomado ganadeiro. A par do prestígio igualmente alcançado na criação de cavalos, tratou de incrementar aquele que considera um elemento ímpar na Festa.

Iniciada com vacas Pinto Barreiros, casta designada por “a mãe de todas as ganadarias”, e semental António Silva, esta ganadaria ganha aqui o seu ferro primitivo. Mais tarde, nos anos 80, é adquirido mais

um lote Pinto Barreiros e introduzido semental João Moura. A partir de 1994, são agregados reprodutores de Santiago Domecq, procedentes de Jandilla (ganadaria Andaluza, de Cádiz) e que, até aos dias de hoje, definem as linhas morfológicas e de atitude da ganadaria, sendo o encaste atual Parladé (Domecq).

“Toiros com um pouco de picante”

Num percurso em tons terra, escoltados pela musicalidade própria do campo, pudemos ver os toiros da divisa vermelha e negra no seu *habitat*. Entre azinheiras e charcas na Herdade do Codeçal, na Igreja-nha (junto a Arraiolos), pasta um efetivo de 120 vacas



e cinco sementais. Aqui são possíveis de apreciar em toda a sua plenitude. Em pontas, atentos e desconfiados, os toiros proporcionam ali um bonito cenário não evitando, contudo, a quem os observa, algum temor pela sua imprevisibilidade e *fiezeza*.

O trabalho desenvolvido na ganadaria é marcado por uma procura constante de melhoria num processo de seleção levado a rigor nas tentas. Com dois anos e meio são apartadas as fêmeas para que lhes seja avaliada a bravura e a nobreza que, até aí, é uma incógnita. O objetivo é, obviamente, conseguir uma seleção de curros de qualidade, toiros de excelente apresentação que proporcionem bons espetáculos taurinos. João Ribeiro Telles, na sua perspectiva de criador, caracteriza os toiros da ganadaria como tendo “um pouco de picante, mais desejado pelo público do que pelos toureiros. É mais veloz, acomete umas investidas alegres e vibrantes”. Quanto ao porte destes animais, explica-nos que o toiro, genericamente, tem sofrido uma evolução. A alimentação dada às

mães, as melhores pastagens têm contribuído para a apresentação na arena de reses superiores a 600 kg. O cavaleiro é perentório quando diz que, no que toca ao tratamento destes animais, não há dias de descanso, “não pode haver”. Existe um cuidado na sua preparação física, fazem, por exemplo, questão de deixar a alimentação afastada do ponto de água para que se mexam. Introduzir um bezerro de um ano junto aos toiros também os acalma, evitando uma ou outra morte como já aconteceu. Certo é que “o toiro requer o mínimo contacto com o exterior”, isto é, no sentido da natureza, o seu meio inerente, ser a sua única vivência, explica João Ribeiro Telles. “Estes toiros são muito bons para lide a cavalo mas também possuem boas características para a lide a pé. Por diversas vezes, as pessoas ainda se surpreendem quando se apercebem que os toiros são nossos. Associam-nos à figura de cavaleiro mas nós temos também esta paixão”, conta-nos entusiasta. Na sequência desta entrega própria de quem possui sangue toureiro, também



pela ganadaria, a Família acumula prémios. Contabilizam-se, pelo comprovado trapio dos toiros JR, vários troféus “Espiga de Ouro”, inúmeros Concursos de Ganadarias ganhos em Vila Franca de Xira, Évora, Setúbal, e quase, se não em todos, os concelhos com tradição tauromáquica. Mas, mais significativo que os prémios são as imagens que ficam na memória, como o orgulho “daquela novilhada histórica em Madrid, em 1968, que deu a volta à praça, o que poucas ou raras vezes acontece”, recorda João Ribeiro Telles. “Saiu o maioral em ombros com os três toureiros pela porta grande... E aquele excelente toiro que abrilhantou a Corrida dos Seis Toiros”. Ao recordar também o imponente curro apresentado na Corrida de Colete Encarnado do passado ano, João Ribeiro Telles não hesita em dizer que nasceu num fim de semana de Colete Encarnado. Volvidos 83 anos desta festa suscita-lhe a lembrança da sua assiduidade na Noite da Sardinha Assada, “em pequenos fomos habituados a ir à Festa”. Sobre a Festa Brava no Concelho, João Ribeiro Telles diz que gostaria de ver mais Vila-Franquenses nas Corridas de Toiros, uma praça recheada de público vibrante com a emoção do espetáculo.

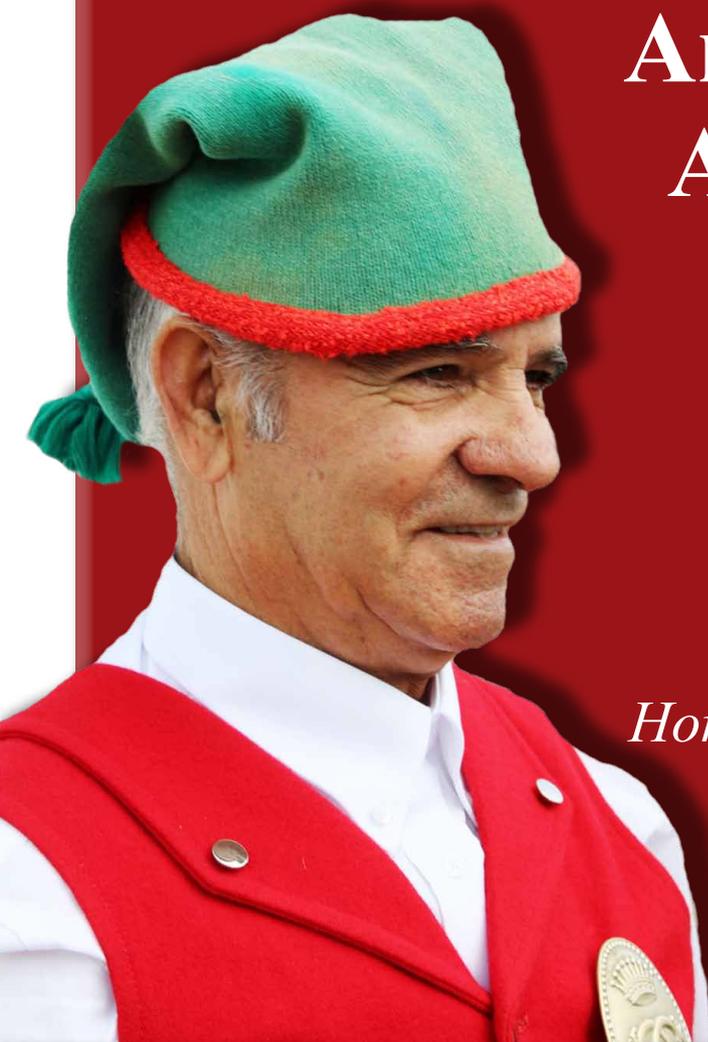


Um respeitoso património

Esta dinastia, que não se esgota no toureio, gostaria de se manter ao serviço da Festa Brava por inteiro, garantindo a continuação de todas estas facetas que desenvolvem. O cavaleiro explica que a conjuntura geral não ajuda e é necessária uma boa e atenta gestão, resguardada de uma boa margem para o investimento constantemente requerido.

À data da nossa conversa estavam já previstas participações da Ganadaria no Campo Pequeno, nas praças em Alter do Chão, Caldas da Rainha e Almeirim.

Mais do que gerações emblemáticas, o clã Ribeiro Telles encerra nele um excepcional conjunto de aptidões que imprime em tudo aquilo a que se dedica. Na base está o patriarca que, nascido há 87 anos, já no seio de família ganadeira, fez jus às suas raízes e granjeou aquele que é hoje um inestimável património, no que à tradição equestre e tauromáquica diz respeito.



António Afonso

*Campino
Homenageado
2015*



A família Afonso, de Samora Correia, está indubitavelmente ligada a um ofício, ancestral, exclusivamente Ribatejano. O patriarca era exímio na arte, o filho, o segundo da prole de nove irmãos, abraçou a paixão do pai. O que se seguiu na linhagem manteve a tradição. Pancas também foi um denominador comum na história desta família. A herdade passa a ser a sede do efetivo Conde Cabral a partir de 1950. Ainda a década não tinha terminado e o pequeno António, então com dez anos, ingressa ao serviço do gado manso. Era precisa mais uma mão na casa agrícola que prosperava no mundo taumáquico. A ajuda no sustento da família também era bem-vinda e a escola não despertou interesse no jovem. Do lado oposto estava o maneio do gado bravo, com o qual vibrava. A paixão passou a profissão, o aprendiz passou a mestre. Os 83

anos do Colete Encarnado são dedicados aos cerca de 50 anos de serviço de António Afonso. Perante tal distinção, mostrou-se parco na descrição dos seus sentimentos, mas o que disse foi sobejamente revelador: “Fico orgulhoso, é uma festa bonita, uma festa que dá alma”. Filho de campino, irmão de outro (Afonso Bernardo, o homenageado da anterior edição do Colete Encarnado), pai e neto de outro. Dedicou quase cinco décadas da sua vida a trabalhar em prol da arte que abraçou como profissão, apenas tendo interrompido o seu percurso por, dolorosos e intermináveis, 27 meses de Ultramar. Aos 21 anos, depois de já ter junto os “trapinhos” com uma jovem também trabalhadora no campo, veio a sentença fatídica: os próximos meses seriam passados ao serviço do Exército Português, em Moçambique, onde 365 dias

foram passados no “mato”, como é referido, na gíria, o isolamento da civilização. Neste momento o discurso de António Afonso torna-se mais pesaroso, a voz trémula acusa sofrimento. Foram tempos duros, que lamentavelmente ainda se fazem presentes nas suas noites, condicionando ainda alguns dos seus dias.

No extremo oposto estão os dias em que esteve ao serviço da Herdade de Pancas, a fazer o que realmente gostava. A trabalhar no que lhe trouxe verdadeira felicidade. Ainda hoje vai amiúde à terra onde viu nascer e crescer um infindável número de reses, tendo muitas delas sido uma referência na Festa Brava. Foi por ali mesmo que se iniciou a montar a cavalo e a conduzir gado manso. Poucos anos depois, aos 15 anos, passou ao gado bravo. “Saí da escola e fui guardar gado, fui para ajuda dos bois de trabalho

A man in traditional Portuguese attire, including a red vest, white shirt, and a green and red hat, is riding a white horse. He is positioned on the right side of the frame, facing forward. The background shows a rural landscape with large trees, a wooden fence, and a clear sky. The text is overlaid on the left side of the image.

O Colete Encarnado é uma Festa *que dá Alma!*

do meu padrinho Ereclídes e foi aí que comecei a andar a cavalo. Era a osso, não tinha aparelho, não tinha arreio. Comecei com uma corda, chamada amarra, atada ao pescoço do cavalo. Como era pequeno, levava o cavalo até uma vala para poder subir, punha o pé no joelho do animal e depois é que pulava para cima dele. Depois era ir atrás dos bois mansos”, recordou António Afonso saudoso.

A “tarefa” de um novilho aos 17 anos

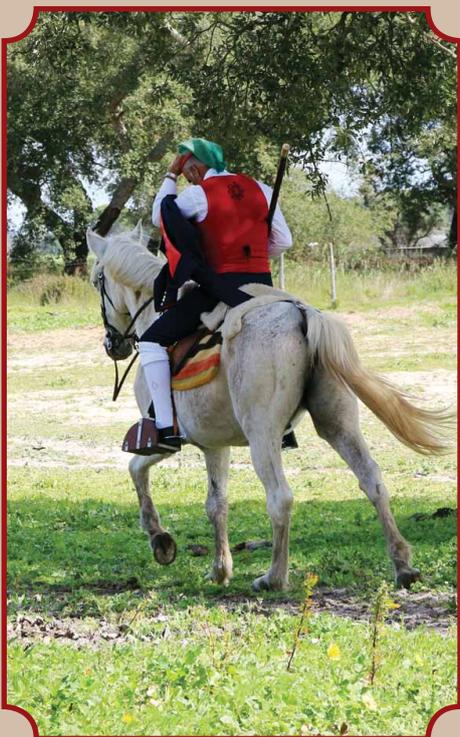
Mais ou menos por aquela idade, a memória destes episódios da juventude já não é precisa, foi promovido a maioral dos garraios mertolengos e, logo depois iniciou-se no gado bravo. “Tinha eu à volta de uns 17 anos, levei uma tarefa

de um novilho com dois anos que não esqueci. O touro estava coxo e fui buscá-lo a pé para ir à ração, mas daquela vez ele não quis vir e veio-se a mim. Passei-lhe o pé, passei-lhe outro, mas à terceira não consegui e fiquei debaixo dele. Deu-me tantas, tantas, tantas... já tinha os cornos a encacarolar e deu-me tudo com a cabeça. Até que dois indivíduos estavam ao longe a ver e vieram com o trator para tirarem o novilho de cima de mim. Ainda me lembro do Sr. Manuel Desterro a cavalo, num animal chamado Ginja. Meteram-me devagarinho na sua garupa e fomos até à minha casa. Dali fui, numa carroça do Sr. Joaquim Mateus, para o médico, em Alcochete. A cada 100 metros tinham de parar porque eu não suportava as dores. Fui auscultado, fui ligado e mandaram-me para casa. Estive uns poucos de meses sem trabalhar. Quando

regressei ao serviço fui ter a cavalo com o toiro. Depois foi a minha vez de o vencer. Não tive medo. Nesta arte quanto mais porrada se leva, mais rijo de fica. Ele ficou com uma crença comigo mas depois ficou tudo resolvido e eu continuei a tratar dele” contou António Afonso resignado à dureza da sua profissão. Os episódios que põem em perigo a vida destes homens são recorrentes e todos os recordam com uma memória fotográfica. “Era eu maioral dos toiros no Espadanal e havia um touro que estava sempre a passar para as vacas do Sr. Nico Palha. Ele dizia-me: ‘Não quero as vacas (Mertolengas) cobertas pelo touro!’ e ele tinha razão. Ele saltava os arames para ir às vacas. Um belo dia, o Sr. Manuel Torrão da Casa Palha, curto de vista, vinha da manga a cavalo. O touro que estava no meio das vacas, começou a fugir, e quando viu



o homem a cavalo ficou com crença nele. Comecei a esfarrapar atrás dele. Já era um touro com quatro anos! O Sr. Nico a gritar: 'António! O touro mata-me o homem!'. O animal ia à minha frente e, quando chego a 100 m do homem, meto a vara ao touro, jogo o barrete para cima da sua cabeça, que se joga ao meu cavalo. Meto o pé da vara ao focinho e toma, toma, toma na cara! Passei pelo homem a 3 m, com o touro atrás de mim. Ele só disse: 'Mas para que foi aquilo?'. Só percebeu o que tinha acontecido quando chegou ao pé do patrão que lhe disse: 'Era o António com um touro!'. Fui dar a volta com ele às Portas Novas, cansei-o e trouxe-o até à manada. Nesse ano foi corrido. Ficou resolvido o assunto. Na



altura o Sr. Conde Cabral tinha uns toiros muito bons, saíam muito. Era um touro bem apurado", afirmou com um tom francamente orgulhoso.

O ensinamento do mestre

A vida deste homem esteve sempre rodeada de sacrifícios, aliás tal como acontece com todos os pares da sua profissão. Trabalha-se anos a fio sob condições climáticas desfavoráveis, com animais selvagens, sobejamente conhecidos por serem ferozes. O "Tocha" (alcunha pelo qual é conhecido desde os tempos de escola) teve excelentes mestres e que faz questão de não esquecer: Manuel Desterro, Francisco Paulino, António Santos e, em especial, António Custódio. "Foi um grande camarada e amigo, ensinou-me muito. Disse-me uma coisa que ficou gravada dentro de mim: 'António, quando entramos com um touro que está embarbelado temos de pensar como vamos sair'. Ensinamento que nunca esqueceu e ao qual recorreu amiúde, uma vez que o que mais gostava de fazer era desapartar toiros. "Tinha receio deles quando vinham de lá mandados, porque sabemos bem que a primeira corrida é sempre do touro. Mas na segunda virada, já podiam vir de qualquer maneira que já os esperava", ditou o ex-maioral da Ganadaria de Conde Cabral. Campino de mão cheia, reconhece que, na atualidade, "há muita rapaziada nas casas agrícolas, que podem continuar a sua arte".

Todo o saber que adquiriu ao longo dos anos de trabalho, a sua dedicação e empenho, contribuíram para engrandecer, dignificar e dar continuidade à arte de campinar. Camaradas e veteranos de profissão decidiram assinalar publicamente o seu mérito. O Colete Encarnando distingue-o, sábado, 4 de julho, na cerimónia de Homenagem ao Campino.



Sem sede própria, fazem justiça ao nome e vão-se encontrando em almoçadas, sempre à terceira quinta-feira de cada mês.

A Tertúlia do Grupo de Confraternização "Os Almoçaristas" existe há mais de quarenta anos, e pelos seus convívios já passaram nomes como Mário Coelho, José Júlio, Vítor Mendes, Gustavo Zenkl, Rui Bento Vasquez, António de Portugal, Eusébio ou Coluna.



Porfírio Silva e João Lopes

"A maioria das vezes, combinavam às quintas-feiras"

Tudo começou em 20 de maio de 1971. Um grupo de pessoas ligadas ao comércio e à indústria, com um interesse comum pela Festa Brava, que vinha regularmente a Vila Franca em trabalho, combinava e por cá almoçava, a maioria das vezes às quintas-feiras, relata João Lopes, antigo comerciante, empregado e patrão, que, não sendo dos fundadores, está no grupo desde 1972.

O registo desse primeiro encontro havia de ser feito vários anos mais tarde por José Ferreira, um dos percussores do grupo, quando decide criar um livro de presenças. É aí que escreve "fundado por um pequeno grupo de aficionados no restaurante Cabeça de Toiro, faziam parte do grupo *Quim da Susana* (Joaquim Vieira de Almeida), que durante muitos anos foi o seu presidente, José Ferreira, *Choni*, José Calçada, João Martins, António Amaral Jorge, Manuel Jorge (*Valvulina*) e Bravo Dias".

Os encontros dos "Almoçaristas", grupo a que se juntava cada vez mais gente, tiveram continuidade na Rua José Falcão, num edifício que pertencia à família de António Batalha, amigo do *Quim da Susana*, que emprestou a casa. Quatro ou cinco anos depois, o grupo passa a ter poiso na Travessa dos Tanquinhos, onde aluga um espaço. Por aqui se encontram durante alguns anos, até que deixam o espaço e começam a encontrar-se em restaurantes. Esse hábito, tal como o de se encontrarem às quintas-feiras, subsiste até hoje. Até há cerca de dez anos, todas as quintas-feiras do mês. No entanto, a crise fez com que começasse a ser difícil ter gente para os almoços semanais e os convívios começaram a ser mais espaçados. Houve até uma fase, de dois ou três anos, que o grupo quase acabou. Atualmente encontram-se a cada terceira quinta-feira do mês.

Solidariedade

"Juntamo-nos em restaurantes", diz Porfírio Silva, atual presidente dos "Almoçaristas". "O almoço tem um preço fixo e todos os tertulianos pagam o mesmo. Não temos sócios, nem quotas", esclarece, e, "com o dinheiro que sobra dos almoços, ajudamos quem precisa". Entidades locais como o Ateneu Artístico Vilafranquense, os Bombeiros Voluntários ou a Liga dos Amigos do Hospital são algumas das entidades já agraciadas pelos Almoçaristas, que já acorreram também a algumas necessidades de particulares.



Anos 80 - Festa Campera na Quinta da Foz, Benavente. O convidado foi o cavaleiro Gustavo Zenkl (na foto). Está também um dos fundadores da Tertúlia, Choni.



2009 - Almoço anual dos "Almoçaristas" na Feira de Outubro. Tertúlia "Sol e Sombra"

Juventude precisa-se

"A tertúlia encontra-se muito envelhecida", lamenta Porfírio Silva, "nos últimos anos não têm entrado novos elementos". "O facto de nos encontrarmos às quintas-feiras, altura em que a maior parte das pessoas mais jovens se encontra a trabalhar, é um impeditivo para que se juntem ao grupo pessoas com menos idade", reconhece.

O grupo vai assim diminuindo, com muita pena de João e Porfírio, que recordam outros tempos, em que se organizavam anualmente festas Camperas, com tentas, convívio, petiscos e muita animação. Frequentes eram também as deslocações em grupo a Espanha para assistir a corridas nas emblemáticas Praças de La Maestranza, Sevilha, ou *Las Ventas*, em Madrid.

Mas o envelhecimento dos tertulianos não é sinónimo de falta de energia e de vontade de dar continuidade aos Almoçaristas, não sendo raros os que se deslocam religiosamente de Coimbra ou Lisboa para o convívio, num ritual que, ao longo de 44 anos, reuniu inúmeras memórias, algumas das quais, documentadas em fotografias e "papelada", que, pelo facto de não existir sede própria, se encontram dispersas na posse de elementos do grupo ou familiares.

"Temos por hábito convidar uma pessoa ligada à tauromaquia"

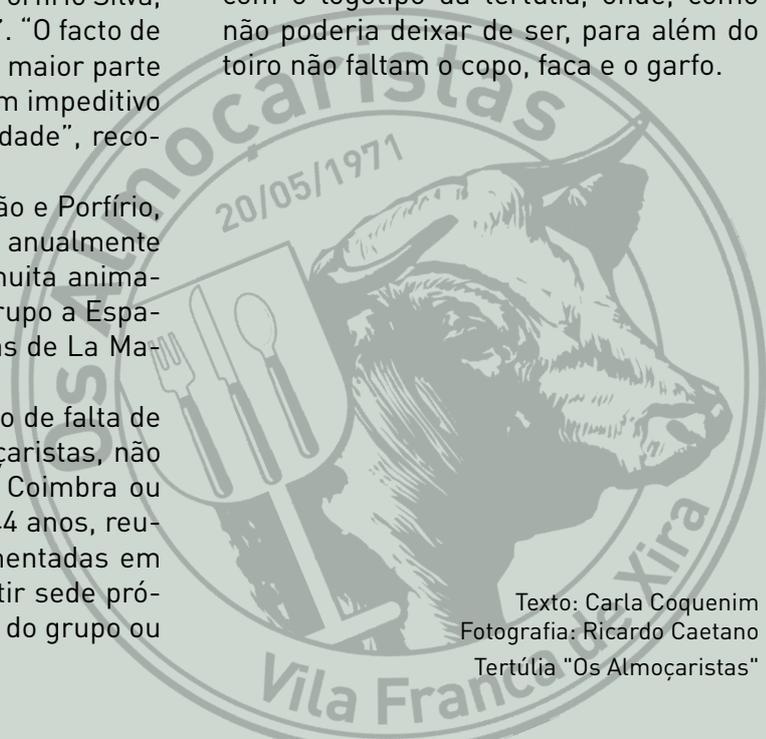
Antigo é o hábito de convidar para os seus almoços personalidades ligadas à Tauromaquia, sobretudo cavaleiros e forcados, para que possam partilhar histórias e vivências que mantêm acesa a paixão do grupo pela Festa. Por estes convívios, passaram nomes como Mário Coelho, José Júlio, Vitor Mendes, Rui Bento Vasquez, António de Portugal ou Gustavo Zenkl.

Mas nem só de Toiros se conversa nos "Almoçaristas". Não querendo perder a sua vertente de tertúlia tauromáquica, assumem, em tom de brincadeira, "às vezes falamos mais de bola, do que de toiros". Eusébio, cuja *afición* era bem conhecida, foi um dos convidados do grupo, tal como Mário Coluna.

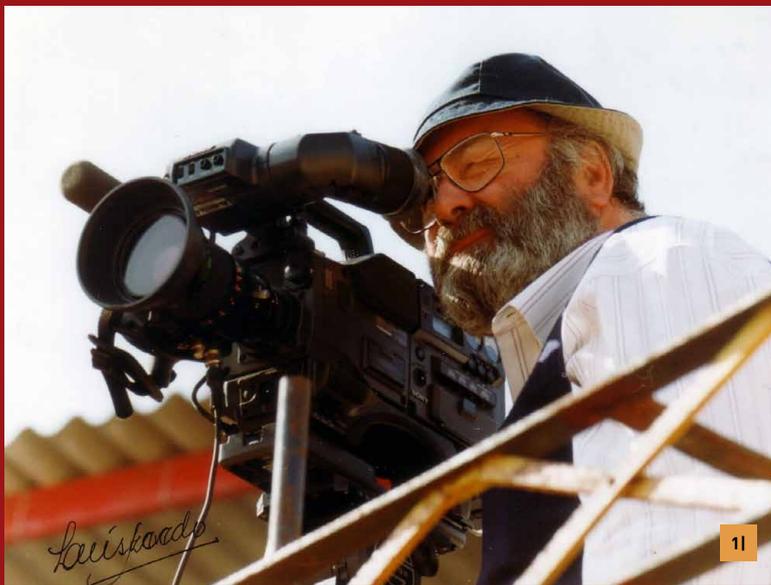
Colete Encarnado é a Festa que tem mais brilho

O sábado de Colete Encarnado é ponto de encontro para os "Almoçaristas", que não perdem esta oportunidade de brindar à "Festa com mais brilho", consideram. Durante alguns anos este era o dia em que se juntavam à tertúlia "Sol e Sombra", a convite de José Amador, que oferecia aos amigos "Almoçaristas" o almoço de sábado e a sardinhada da mesma noite.

Nesta ocasião "Os Almoçaristas" não perdem oportunidade de se vestir a rigor, envergando com orgulho as camisolas com o logótipo da tertúlia, onde, como não poderia deixar de ser, para além do toiro não faltam o copo, faca e o garfo.

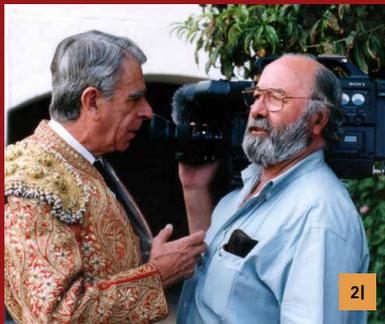


Texto: Carla Coquenim
Fotografia: Ricardo Caetano
Tertúlia "Os Almoçaristas"



11

Tem 83 anos. As contingências da vida ditaram que nascesse em Setúbal, mas é vila-franquense que se sente. O cineasta de Vila Franca, tem uma vida repleta de histórias e aventuras que muitos só imaginam. Pertenceu à Marinha de Guerra, fundou uma rádio, correu mundo. Francisco Rocha, do menino que inventava películas de filme com recortes de jornal, ao homem vivido que continua a deslumbrar-se com a magia do cinema.



21



31



41



51

Francisco Rocha

*O cinema, os toiros e o mar,
no intenso percurso de um apaixonado pela vida*

Vila-franquense de alma e coração

É de Vila Franca de Xira a família de Francisco Rocha, mas, por um acaso da vida, foi em Setúbal que nasceu o cineasta, exatamente um ano antes da primeira edição do Colete Encarnado. Da infância, guarda a memória do antigo cinema, onde, “de uma maneira ou de outra, não passava um filme que não fosse ver”.

Em criança improvisava sessões de cinema para os amigos nas escadas do prédio. “É do Jornal *O Mosquito* que nasce a minha paixão pelo cinema”, confessa-nos. “Recortava os quadradinhos, colava-os todos numa grande fita e ia fazendo uma bobine. Depois convidava-os para virem ao cinema. O argumento ia passando e eu contava a história”, relembra com ternura no olhar. Sendo desde sempre um apaixonado pela Lezíria, pelo Campino, por Toiros e Cavalos, e por toda a envolvimento da Festa, cedo encontrou em Vila Franca de Xira a inspiração para filmar e, na atmosfera única e castiça da cidade, um “decor especial” que até hoje o fascina. Orgulha-o por isso, ser seu Cidadão de Reconhecido Mérito.

Da marinha de guerra a repórter televisivo

Aos 16 anos Francisco Rocha ingressa na Marinha de Guerra, ao serviço da qual conheceu o mundo – África, Índia, Japão, Timor, Macau, Paquistão, Ceilão, Austrália, Estados Unidos da América ou Singapura são alguns dos sítios onde esteve e vivenciou aventuras próprias da juventude e de quem é apaixonado por viver e aprender. Quatro anos depois, é a bordo de um submarino que atraca no porto de Setúbal e conhece finalmente a cidade onde nasceu.

Mas se o mar é uma das suas grandes paixões, é na televisão, enquanto repórter televisivo, que continua o seu percurso profissional. Durante muitos anos correspondente da Rádio Televisão Portuguesa, foi convidado pela Televisão Espanhola para trabalhar num programa sobre Tauromaquia, passando depois para programas de índole cultural e científica. Durante vários anos, acompanhado pelo seu grande amigo João Mascarenhas, que aí trabalhava como crítico taurino, volta a percorrer mundo.

A par da sua atividade profissional na televisão, continua a dar largas à sua paixão pelo cinema. No início dos anos 70 do século passado, Francisco Rocha é distinguido com o primeiro prémio no Festival Mundial de Cinema Amador de Montepellier com o filme “Campo em Festa”. Esta importante distinção valer-lhe-ia uma outra, prestada pelo Governo Espanhol, através do então Ministro de Turismo e Informação, que até hoje, não obstante as várias homenagens que lhe têm vindo a ser prestadas, guarda com especial carinho.

“Até que um dia comprei uma máquina”

Autodidata, a criança que começou a brincar ao cinema com 7/8 anos e que ia para Lisboa em busca de montras onde pudesse encontrar coisas sobre a 7.ª Arte, assume “tudo o que diz respeito ao cinema sempre me apaixonou”. Começou a filmar a sério aos 17 anos, numa altura em que a técnica estava ainda nos seus primórdios em Portugal e não havia cinema a cores.

“Um dia comprei uma máquina, um caixote da Kodak e comecei a filmar a família. Mas ao filmar a família a máquina fugia-me sempre para as paisagens”, lembra divertido. “Fui sempre cineasta de Vila Franca. Tenho quilómetros de filme – de 16 mm, película, cassetes, DVDs, blue ray ou até 3D, sobre a cidade”. A vontade de aprender coisas novas e acompanhar a evolução da tecnologia marca a conversa com Francisco Rocha, que impressiona pela vivacidade com que fala das mais recentes técnicas, a que entusiasticamente já aderiu. “Uma das coisas que mais gosto é de tecnologia e sempre que aparece algo novo fico de imediato apaixonado por isso”.

Numa cidade cuja identidade é indissociável da Festa, é na Tauromaquia que desenvolve grande parte do seu trabalho como cineasta, ou não fosse esta mais outra das suas grandes paixões. Da sua extensa filmografia, quase um milhar de filmes, destaca obras como “Simbiose Taurina” ou “A Catedral”, este último “um documento histórico que retrata Alcamé e Vila Franca”, e é com orgulho que nos diz ter um trabalho que relata 72 edições da Festa do Colete Encarnado. “O cinema é fotografia em movimento, é contar histórias sem falar, que é o que mais gosto de fazer”, conta-nos. “E é isso que tenho feito, servindo-me da Lezíria e do campino

tenho contado todo o tipo de histórias”. Cavalos, campo, ruas e vielas castiças, toureiros e campinos, forcados, tradições, Festa. A história e as vivências ribatejanas, as nossas vivências, assumem protagonismo na filmografia de Francisco Rocha, num importante legado histórico para as gerações vindouras.

A rádio

Foi da editora Valentim de Carvalho, onde esteve muitos anos, que trouxe o bichinho da música. Um dia, sonha criar uma rádio onde a música e os programas de animação marquem a diferença no Concelho, um espaço aberto à participação, a acolher pessoas de diferentes quadrantes políticos, e assim nasceu a Rádio Lezíria. As primeiras emissões fê-las completamente sozinho. Começou depois a ter colaboradores e a rádio transformou-se numa espécie de escola, de onde saíram vários locutores profissionais. É com carinho que relembra o programa infantil “Formidável”, que nos anos 80 mobilizava as crianças da zona. A “sua” rádio Lezíria, desempenhava então um importante papel de intervenção, a nível político, cultural e de espetáculo. Há medida que, considera, se começa a desvirtuar o papel das rádios locais, vai-se desligando desse mundo.

Viver, aprender, desfrutar

Tem um riquíssimo espólio de corridas filmadas ao longo de todos estes anos. Atualmente, com recurso às mais recentes técnicas, dedica-se à conversão da sua filmografia para suporte digital. Continua a filmar e a aprender, sempre. Na sua história de vida, e por todas as áreas por onde já passou, há uma característica comum – a vontade de acompanhar a evolução dos tempos.

“Passei por este mundo e vivi, desfrutando o mais possível. Também passei por alguns maus momentos, mas esses vou procurando esquecer”, remata o cineasta de Vila Franca.

Texto: Carla Coquenim
Fotografia: Ricardo Caetano (6)
Francisco Rocha (espólio)

1|

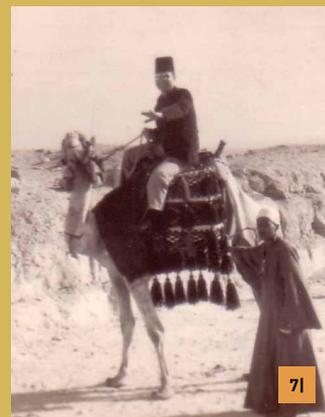
2| 3| 4| 5|

6| 7|

- 1| *Francisco Rocha filmando mais uma corrida*
- 2| *Francisco Rocha à conversa em Espanha, com o famoso picador que estava ao serviço de Pedrito de Portugal*
- 3| *Francisco Rocha com José Falcão e Rogério Janeiro Matins*
- 4| *Francisco Rocha com o célebre fotógrafo taurino espanhol Francisco Cano*
- 5| *Francisco Rocha filmando o matador Ortega Cano*
- 6| *Francisco Rocha, 2015*
- 7| *Francisco Rocha numa visita ao Egipto*



6|



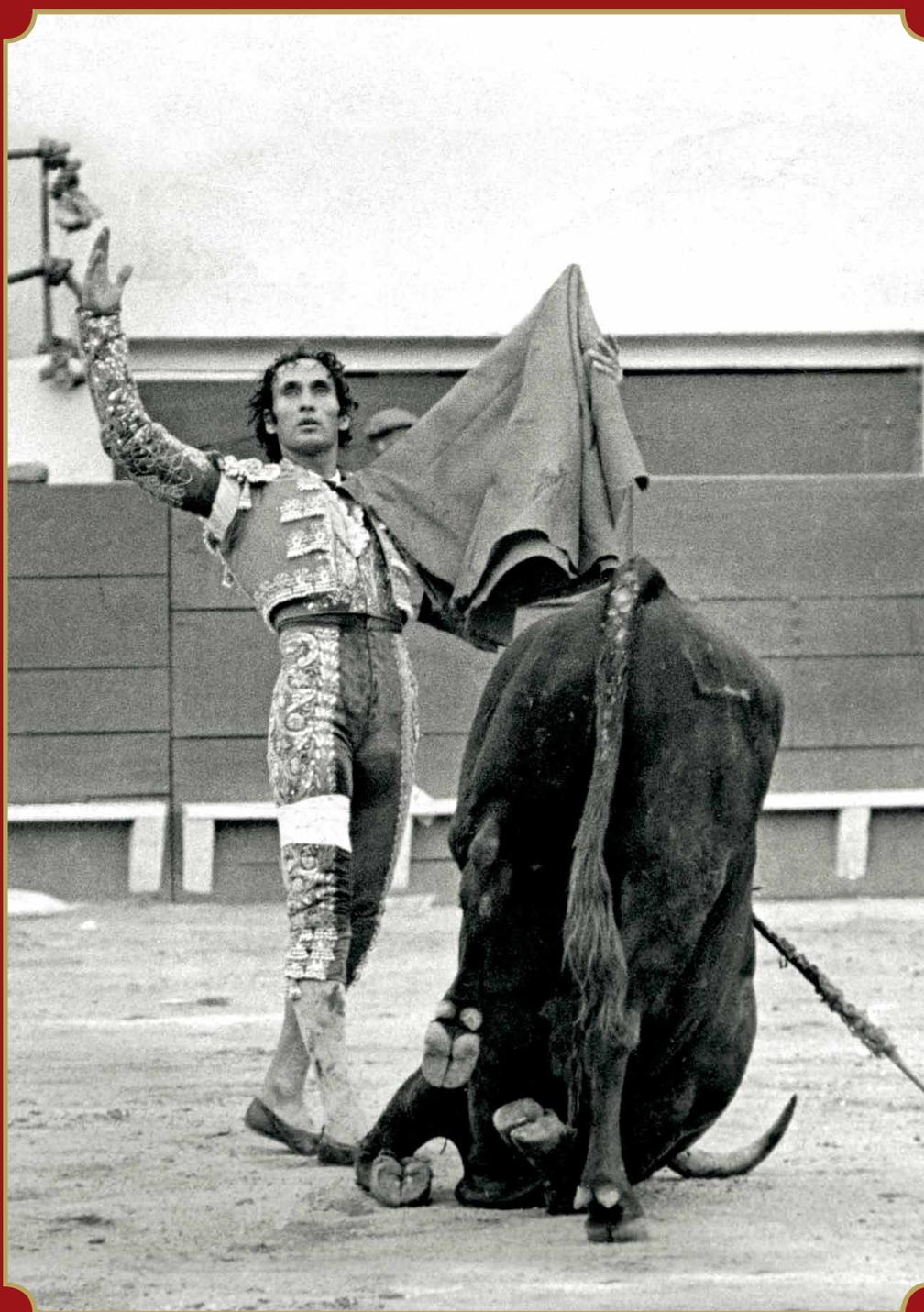
7|

EXPOSIÇÃO

Mário Coelho

Da Prata ao Ouro.

A Vida de um Toureiro



Com inauguração a 27 de junho, a exposição “Mário Coelho. Da Prata ao Ouro. A Vida de um Toureiro” estará patente no Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira até ao próximo dia 11 de outubro do corrente ano. Esta iniciativa ocupa um lugar de destaque na 26.ª edição da Semana da Cultura Tauromáquica ao trazer para o universo da Festa Brava importantes reflexões sobre este fenómeno cultural, nomeadamente através da concretização de colóquios, sem esquecer, é certo, o cerne da própria exposição, um olhar biográfico sobre a vida e carreira do matador de toiros Vila-franquense, Mário Coelho, no ano em que este completa 60 anos de profissionalização.

Foi no n.º 5 da Travessa do Alecrim, em Vila Franca de Xira, que, no dia 25 de março de 1936, Mário Coelho nasceu. Menino sonhador e rebelde, cedo se apaixonou pela arte que viria a constituir a ambição da sua vida: ser toureiro. Caracterizado pelo forte caráter que sempre o determinou, estava traçado o caminho que ininterruptamente o nortearia. Os primeiros passes de capote foram dados a touros improvisados, sempre sob o olhar atento de um público imaginário, público esse que começou a tornar-se real quando Mário Coelho se começou a salientar nas esperas e largadas da sua terra natal e restantes localidades onde corressem touros pelas ruas.

Mas foi no dia 3 de outubro de 1955, na Praça de Touros Palha Blanco, que Mário Coelho, envergando um traje de “luces” já velhinho que a habilidade de sua mãe ajudara a renascer, prestou provas para bandarilheiro praticante, colocando-se, frente a frente, com um touro do Exmo. Sr. Júlio Borba e tendo tido como Padrinho, Manuel Paveia. Em 2015, assinala-se, pois, o princípio de uma extensa e notável carreira enquanto toureiro profissional.

A 25 de julho, de 1967, em Badajoz, tomou a sua alternativa como matador de touros das mãos de Júlio Aparício, tendo tido como testemunha “El Pireo”. Confirmou-se na Monumental do México a 15, de fevereiro, de 1976 e, depois, na Monumental de Madrid a 14, de maio, de 1980. Era a concretização de um sonho tornado realidade.

Ao longo da sua carreira, na qual chegou a ser considerado o melhor bandarilheiro do mundo, Mário Coelho pisou as mais importantes Praças.

Tendo lidado mais de 3000 touros, o Maestro vila-franquense, pelas mãos do seu filho, cortou a coleta a 20 de setembro de 1990, na Praça de Touros do Campo Pequeno, dando a garantia aos aficionados, que dele se despediram com lenços e lágrimas, que jamais voltaria a vestir-se de “luces”, o que cumpriu até hoje.

Tratando-se de um percurso ímpar no domínio da história da tauromaquia nacional e internacional, não pode deixar de visitar esta exposição e tomar contacto com momentos que fazem parte da nossa identidade.

Curadores
Idalina Mesquita
João Ramalho



3

SEXTA-FEIRA
A partir das 23h00

ESPETÁCULOS

PALCO DA AV. PEDRO VICTOR



“AMOR ELECTRO”



“UXU KALHUS”



“ROD THA FUNK”

4

SÁBADO
A partir das 22h30



“DIABO NA CRUZ”



“VOODOO MARMALADE”



“SONIDO ANDALUZ”

5

DOMINGO
A partir das 22h00



“Ardea Purpura”
e Fadistas de Vila Franca de Xira

COLETE ENCARNADO . REVISTA

Propriedade: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira **Direção:** Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – Alberto Mesquita **Edição:** Câmara Municipal de Vila Franca de Xira - Divisão de Cultura, Turismo, Património e Museus e Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas **Coordenação Editorial:** Cláudio Lotra **Redação:** Ana Sofia Coelho, Carla Coquenim, Idalina Mesquita, João Ramalho e Prazeres Tavares **Fotografia:** Hélder Dias, Pedro Batalha, Ricardo Caetano, Vítor Cartaxo e fotografias gentilmente cedidas por: Francisco Rocha, Tertúlia “Os Almoçaristas, Mário Coelho, e, ainda, pela família de Sérgio Perilhão **Design e Paginação:** Carla Félix **Impressão:** Alextipo, Lda. **Tiragem:** 3000 exemplares **Distribuição gratuita | junho de 2015**

Vila Franca de Xira

FEIRA ANUAL



XXXV SALÃO DE ARTESANATO

2 a 11 outubro . 2015



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

TURISMO DE
PORTUGAL



Entidade Regional de Turismo
da Região de Lisboa

